

## EL NIÑO E SEGURO RURAL

**Roberto Rodrigues\***

O ano de 2016 começou com turbulências em várias frentes que tocam direta ou indiretamente o agronegócio brasileiro.

A economia chinesa dá repetidos sinais de esfriamento, interferindo assim nos preços internacionais das commodities em geral e do petróleo em particular, a ponto de alguns analistas acreditarem que o barril pode cair para cerca de 20 dólares...

Já a Petrobras, mergulhada em crise sem precedentes, informa que isso não terá influência nos preços internos da gasolina, até porque não reduzi-los seria uma forma de reequilibrar as contas da companhia. Mas poderá afetar os preços do etanol, com prejuízos para o setor.

Enquanto isso o El Niño, considerado como o mais severo dos últimos 30 anos, vai fazendo seus estragos no centro oeste e no norte do país, com secas que provocaram perdas nos plantios de soja e milho. Há relatos de mais de um replantio de soja no norte do Mato Grosso, com redução de produtividade da leguminosa e atraso no plantio da segunda safra de milho: dois prejuízos acumulados. No Maranhão, Tocantins e Piauí, há casos em que a janela de plantio terminou sem que as áreas todas fossem ocupadas por falta de chuvas. No sul, o excesso delas provocou inundação que vem prejudicando os arrozeiros, sem falar nos desastres urbanos conhecidos.

Isso e mais os preços oscilando globalmente por causa de crises em países demandantes de alimentos, são fatores de instabilização da renda rural em 2016, e que se somam aos custos de produção inflacionados em função do câmbio e ao encarecimento do crédito rural. Tudo apontando para redução de margens, especialmente para quem tem dívidas em dólares. Preços internacionais em queda são compensados pela valorização da moeda americana, o que não funciona para quem vende no mercado interno.

E ainda tem a questão política nacional com reflexos na redução de investimentos, aumento de desemprego e mais o descontrole da inflação e das contas públicas.

Em outras palavras: o produtor rural que faz tudo certinho, com a melhor tecnologia e moderna gestão, sem dar passos maiores do que a perna, pode perder muito de seu patrimônio sem ter culpa nenhuma pela inflação, pelo desemprego, pela crise chinesa, pelo El Niño, pela queda dos preços das commodities e pela confusão político-econômica nacional.

Isso só reforça cada vez mais a necessidade de um seguro rural compatível com o tamanho do agronegócio brasileiro. No entanto, o orçamento para subsídio ao seguro alocado no Plano de Safra 2015/16 foi muito pequeno, não cresceu como deveria ter crescido em relação ao valor de 2014. Pior ainda: nosso seguro só cobre desastres climáticos, sem atender a volatilidade de preços das commodities, que é ponto central no seguro de renda dos países desenvolvidos.

A ministra Katia Abreu vem lutando para mudar isso, mas o governo continua surdo aos problemas do campo. Aprenderá de novo uma lição que já devia ter decorado: a perda de renda no campo vai afetar a economia de centenas de municípios agrícolas pelo Brasil a fora, e a bomba vai estourar no Tesouro já debilitado. Seria muito mais barato e lógico um seguro efetivo e eficiente.

Será tão difícil entender isso?

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**